



Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 5

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 5

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFRPE
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências da saúde no Brasil [recurso eletrônico] : impasses e desafios 5 / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-427-6

DOI 10.22533/at.ed.276202509

1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. I. Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 362.10981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios” é uma coletânea composta de nove obras, e no seu quinto volume contextualiza a fase da adolescência e da juventude que são períodos complexos e dinâmicos do ponto de vista físico, psico-emocional e social na vida do ser humano. Não cabe nessa breve apresentação, nos debruçarmos sobre a definição de adolescência e juventude, mas todos sabemos que são períodos da vida, entre a infância e a fase adulta, marcados pelas transformações biológicas e comportamentais.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: pré-adolescência: dos 10 aos 14 anos, adolescência: dos 15 aos 19 anos completos e juventude: dos 15 aos 24 anos. Esse volume será dedicado aos impasses, desafios, dilemas, dificuldades e saúde dessa faixa etária.

Serão apresentados capítulos que versam sobre: obesidade, educação em saúde, jovens com deficiências, os benefícios da estimulação elétrica funcional na reabilitação de adolescentes com paralisia cerebral, o uso de medicamentos psicotrópicos por universitários, será também apresentado um estudo sobre a alimentação saudável, a prevenção e promoção da saúde dos adolescentes com foco na qualidade de vida, e a influência da educação física no desenvolvimento motor em adolescentes de 12 a 15 anos de idade em diferentes estágios maturacional.

Alguns estudos abordaram a questão da sexualidade, como por exemplo as dificuldades presentes no entendimento da sexualidade dos jovens com e sem deficiência intelectual, pois a maioria demonstra ter pouco conhecimento sobre esse assunto, além de que o fato de iniciarem as práticas sexuais sem as orientações necessárias, os tornam alvo vulnerável ao acometimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e portanto é fundamental a sensibilização para uma mudança de atitude entre adolescentes e adultos jovens frente a problemática das doenças sexualmente transmissíveis.

Foram abordados também temas como: “Toxicodependência na gestação em adolescentes e o desenvolvimento da síndrome de abstinência neonatal”, “Caracterização da dismenorreia primária em adolescentes e jovens”, “A utilização de medicamentos psicotrópicos entre universitários”, “Parassuicídio, entendendo a realidade da mente jovem”, portanto os estudos apresentados e as pesquisas na temática da fase juvenil, revelam a necessidade de se trabalhar a promoção da saúde dessa população em situação de vulnerabilidade social, e implementar um sistema de apoio fazendo com que esses adolescentes/jovens possam repensar seu papel na sociedade, onde suas opiniões e ações irão exercer influência relevante na comunidade.

Diante da proeminente necessidade de divulgação dos avanços da ciência e da saúde, seus impasses e desafios, a Editora Atena presenteia os leitores com esse volume que apresenta assuntos tão valiosos sobre a saúde do público jovem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ADESÃO DE ADOLESCENTES AOS SERVIÇOS DE SAÚDE: PREVENÇÃO E PROMOÇÃO COM FOCO NA QUALIDADE DE VIDA

José Antonio Ribeiro de Moura
Janifer Prestes
Luis Eurico Kerber
Maristela Cassia de Oliveira Peixoto
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.2762025091

CAPÍTULO 2..... 14

AÇÕES EDUCATIVAS EM GRUPO DE ADOLESCENTES: REFLEXÃO E APRENDIZAGEM COMPARTILHADA

Amanda de Oliveira Barbosa
Natália Ângela Oliveira Fontenele
Ana Luiza Macedo Feijão
Antônio Ademair Moreira Fontenele Junior
Mariana Lara Severiano Gomes
Gardênia Craveiro Alves
Ana Célia Oliveira Silva
Lara Silva Sousa

DOI 10.22533/at.ed.2762025092

CAPÍTULO 3..... 21

A UTILIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Caio Silva de Queiroz
Natanael de Brito Rodrigues
Juliana Gomes Maciel
Alex Franco de Sousa
Talita Pinho Marcelino
Rayssa Gabrielle Pereira de Castro Bueno
Caroline Amélia Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.2762025093

CAPÍTULO 4..... 27

VISITA A ESCOLA MUNICIPAL U.E. ANATÓLIO THIERS CARNEIRO EM AÇÃO VOLTADA A SAÚDE DO ADOLESCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriella Borges Porfírio
Lara Maria Martins de Aguiar Moraes
Milla Reis de Moura Santos
Izabella Borges Porfírio
Lizandra Azevedo Brito
Joara Cunha Santos Mendes Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.2762025094

CAPÍTULO 5.....32

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL COM ADOLESCENTES

Luciane Silva Oliveira
Natália Ângela Oliveira Fontenele
Ana Luiza Macedo Feijão
Amanda de Oliveira Barbosa
Ana Célia Oliveira Silva
Ana Eliselma Furtado Silva
Antonio Ademar Moreira Fontenele Junior
Lara Silva Sousa
Mariana Lara Severiano Gomes
Gardênia Craveiro Alves

DOI 10.22533/at.ed.2762025095

CAPÍTULO 6.....42

O PAPEL DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR NO MANEJO DA OBESIDADE EM ADOLESCENTES

Denise Tavares Giannini
Cristiane Murad Tavares
Márcia Takey
Dayse Silva Carvalho
Andréia Jorge da Costa
Selma Correia da Silva
Marcos Henrique Pereira Pontes
Maria Cristina Caetano Kuschnir

DOI 10.22533/at.ed.2762025096

CAPÍTULO 7.....53

ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA FUNCIONAL NA REABILITAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM PARALISIA CEREBRAL

Paula Cássia Pinto de Melo Pinheiro
Marilha Alves de Souza
Suanya Carreiro da Costa
Anderson Massaro Fujioka
Luís Carlos de Castro Borges
Robson Emiliano José de Freitas
Marcelo Jota Rodrigues da Silva
Ana Karolina Rodrigues Aires
Rennan César da Silva
Vinicius de Almeida Lima
Luiz Fernando Martins de Souza Filho
Sara Rosa de Sousa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.2762025097

CAPÍTULO 8.....64

A SEXUALIDADE NO DISCURSO DAS MÃES DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO SOB O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Arieli Brandelero Balsanéllo

Cristina Lucia Sant'Ana Costa Ayub
Edinéia Aparecida Blum
Paula da Cunha e Silva

DOI 10.22533/at.ed.2762025098

CAPÍTULO 9..... 80

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM ADOLESCENTES DE 12 A 15 ANOS DE IDADE EM DIFERENTES ESTAGIOS DE MATUREZA SEXUAL

Cleones Max Silva Santos
Rivanildo Santos Santana
Rodrigo Santana de Jesus
Wallas Carlos Silva Oliveira
Fabiana Medeiros de Almeida Silva

DOI 10.22533/at.ed.2762025099

CAPÍTULO 10..... 93

CONHECIMENTO DOS ADOLESCENTES SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Lorena Falcão Lima
Elda Lael Cardoso Loureiro
Joyce Arce Alencar
Lorena Falcão Lima
Ana Lígia Barbosa Messias
Ellen Souza Ribeiro
Gabriela Rodrigues Alves
Mariana Martins Sperotto
André Luiz Hoffmann

DOI 10.22533/at.ed.27620250910

CAPÍTULO 11..... 105

CARACTERIZAÇÃO DA DISMENORREIA PRIMÁRIA EM ADOLESCENTES E JOVENS: REVISÃO INTEGRATIVA

Daniela Nunes Nobre
Deirevânio Silva de Sousa
Crystianne Samara Barbosa Araújo
Gerliana Torres da Silva
Eugênio Lívio Teixeira Pinheiro
Yarlon Wagner da Silva Teixeira
Ivo Francisco de Sousa Neto
Hugo Leonardo Guimarães Costa Silva
Maria Paloma Lima Sousa
Geane de Jesus Braga Salviano
Karla Gabriella Oliveira Peixoto
Tamires de Alcântara Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.27620250911

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 12..... | 113 |
| TOXICODEPENDÊNCIA NA GESTAÇÃO EM ADOLESCENTES E O DESENVOLVIMENTO DA SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL | |
| Kleviton Leandro Alves dos Santos | |
| Maíse Eduarda Feitosa | |
| Tania Alves da Silva | |
| Ana Karla Rodrigues Lourenço | |
| Ana Karla da Silva Santos | |
| Italo Fernando de Melo | |
| Renata da Silva Miranda | |
| Hugo de Lira Soares | |
| Emilly Souza Marques | |
| DOI 10.22533/at.ed.27620250912 | |
| CAPÍTULO 13..... | 123 |
| PARASSUÍCIDIO, ENTENDENDO A REALIDADE DA MENTE JOVEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA | |
| Vinícius Alves de Figueredo | |
| Ana Vitória Bento Alves Silva | |
| Raila Moanny Freitas Delmondes Tasso | |
| Tamires de Alcantara Medeiros | |
| Iandra de Moraes Silva | |
| Cicero Wendel de Sousa Pereira | |
| Alyce Brito Barros | |
| Natalya Wegila Felix da Costa | |
| Vivian Rafaela Almeida Santos | |
| Marta Coêlho Bezerra Dantas | |
| Teresa Maria Siqueira Nascimento Arrais | |
| Dayse Christina Rodrigues Pereira Luz | |
| DOI 10.22533/at.ed.27620250913 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA..... | 129 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 130 |

CAPÍTULO 8

A SEXUALIDADE NO DISCURSO DAS MÃES DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO SOB O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 14/08/2020

Arieli Brandelero Balsanéllo

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/2662042726476385>

Cristina Lucia Sant'Ana Costa Ayub

Departamento de Biologia Geral (UEPG)
Ponta Grossa - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7300097584601217>

Edinéia Aparecida Blum

Associação de pais e amigos dos excepcionais de Ponta Grossa (APAE)
Ponta Grossa - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/0637910306841710>

Paula da Cunha e Silva

Associação de pais e amigos dos excepcionais de Ponta Grossa (APAE)
Ponta Grossa - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/4758440861265428>

RESUMO: A sexualidade da pessoa com deficiência intelectual é rodeada de mitos, sendo os indivíduos vistos como seres assexuados ou que possuem uma exacerbação sexual. O objetivo deste estudo foi investigar a visão de mães de jovens com algum grau de deficiência intelectual a respeito do tema sexualidade. Bem como vislumbrar as perspectivas futuras destas mães em relação à sexualidade dos filhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando

o discurso do sujeito coletivo. Os dados obtidos nos mostram que as mães possuem uma visão da sexualidade restrita aos aspectos sexuais e reprodutivos, excluindo seus aspectos afetivos, sociais e psicológicos. Quanto aos temas referentes à sexualidade humana, as mães demonstram ter ideias baseadas em suas criações, reafirmando várias vezes termos como: no meu tempo, antigamente, fui criada como se isso fosse errado, etc. Em relação aos filhos, notou-se uma expectativa de que tenham uma vida dita normal, que possam casar e ter filhos. Conclui-se que as mães de jovens com deficiência intelectual, participantes deste estudo, sabem da importância da educação sexual adequada dos filhos, mas se sentem despreparadas para lidar com tal assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, deficiência intelectual, clube de mães.

SEXUALITY IN THE SPEECH OF MOTHERS OF YOUNG PEOPLE WITH INTELLECTUAL DISABILITIES: A STUDY UNDER THE DISCOURSE OF THE COLLECTIVE SUBJECT

ABSTRACT: The sexuality of the person with intellectual disability is surrounded by myths with individuals being seen as asexual or having a sexual exacerbation. The aim of this study was to investigate the view of mothers of young people with some intellectual disability degree on the theme sexuality. As well as diagnose the future perspectives of these mothers regarding the sexuality of their children. It is a qualitative research, using the collective subject discourse. The data obtained show us that mothers have

a view of sexuality restricted to sexual and reproductive aspects, excluding their affective, social and psychological aspects. Regarding the themes related to human sexuality, mothers demonstrate ideas based on their creations, repeatedly reaffirming terms such as: in my time, in the past, I was raised as if it were wrong, etc. Regarding children, it was noted an expectation that they have a so-called normal life, can marry and have children. It is concluded that the mothers of young people with intellectual disabilities, participants of this study, know the importance of proper sexual education of their children, but feel unprepared to deal with such issue.

KEYWORDS: Sexuality, intellectual disability, mothers club.

1 | INTRODUÇÃO

O conceito de sexualidade

A sexualidade é uma parte essencial do ser humano, desde seu nascimento até sua morte, manifestando-se de várias formas e compondo parte da sua saúde biológica, social e psicológica; é através dela que o indivíduo expressa o contexto sociocultural no qual está inserido, pois esse termo inclui os sentimentos, atitudes e percepções que fazem parte da vida sexual e afetiva, inclui a expressão de valores, as emoções, afeto, gênero e também práticas sexuais, tornando-a essencialmente histórica e social (OLIVEIRA et. al. 2009, p. 818). O erotismo, o desejo, a construção de gênero, os sentimentos de amor, as relações afetivas e sexuais, são expressões potencialmente existentes em toda pessoa, também naqueles que têm deficiências (MAIA, 2001 p. 37).

A sexualidade é um processo contínuo que ocorre na esfera cultural na qual o indivíduo está inserido, através de várias experiências e aprendizados, envolvendo diversos grupos que incluem o ser, como família, escola e igreja. É dentro de uma determinada cultura que essas experiências passam a ter significados, (LOURO, 2007, p. 207).

Entretanto, o reconhecimento da sexualidade como resultado de diversos fatores socioculturais ainda é muito recente, estando próximo das abordagens primordiais do termo realizadas por Freud, no início do século XX, e Michel Foucault, nos anos de 1980, a qual era voltada para características normativas, focada principalmente e aspectos biológicos. (QUIRINO e ROCHA, 2012, p. 208).

Sexualidade na pessoa com deficiência

Autores como Maia (2006, p. 33) dizem que podemos afirmar que toda e qualquer pessoa tem sua sexualidade presente, independente de ter ou não uma deficiência; a deficiência não exclui a vida sexual do indivíduo, mas os estereótipos e preconceitos aplicados sobre a pessoa com deficiência podem afetar os aspectos psicológicos e sociais da sua construção de sexualidade, corroborando com o que é defendido por Maia e Camossa (2003, p. 213), que o diagnóstico da deficiência intelectual não irá ser alterado, o que pode mudar, no entanto, é a visão social frente às pessoas com deficiência.

Percebe-se então que a deficiência não é apenas um fenômeno físico, mas se

apresenta também no contexto social, sendo vista como uma espécie de “desvio” ou “desvantagem”. Isso corrobora com a definição de deficiência segundo a Convenção Internacional Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CPDP) da Organização das Nações Unidas, aprovada no Brasil, sendo um fruto do consenso de diversos países pelo mundo, onde a pessoa com deficiência é reconhecida como aquele indivíduo que possui algum tipo de impedimento em longo prazo que, em contato com as barreiras impostas pela sociedade, possuem sua participação social prejudicada. Esse estigma da deficiência “marca” a pessoa e provoca, como afirma Amaral (1995, p.120), um obstáculo para vários aspectos sociais, afetando inclusive a sexualidade.

As Políticas Nacionais de Saúde da Pessoa com Deficiência e de Direitos Sexuais e Reprodutivos garantem que entre seus direitos, estão: a livre expressão de sua sexualidade, a importância do sexo seguro para prevenção de uma gravidez indesejada e das DSTs, e informações necessárias para um planejamento familiar adequado, sendo capazes de decidirem ter filhos ou não. (BRASIL, 2009).

Para as pessoas com deficiência intelectual, em sua maioria, falar sobre sexualidade ainda é um tabu, tanto no meio familiar como escolar. As pessoas acabam vinculando o sujeito com uma suposta ingenuidade ou inocência, não os responsabilizando pelas suas atitudes, estigmatizando-os e provocando uma segregação social e física, a qual é derivada não da deficiência, mas sim da falta de orientação adequada, como defende Glat:

“[...] de maneira geral, pessoas com deficiência mental exibem comportamentos sexuais inapropriados, ou são sexualmente inibidas ou inativas, por não lhes ter sido dada uma educação e orientação sexual adequada, ou pelo menos, a oportunidade de “aprender na vida”, como os demais” (GLAT, 2007, p.18).

Isso também é evidenciado por Maia, quando a mesma defende que o preconceito social faz com que essa questão seja vista como problemática:

“Na maioria das vezes a complexidade da sexualidade enfrentada pelas pessoas com deficiência decorre do conjunto de diferentes atitudes sociais: preconceito, desinformação, discriminação, inabilidade, falta de orientação sexual adequada, processo deficitário ou inadequado de educação sexual familiar, descrédito na capacidade de deficientes em expressar sentimentos e desejos sexuais, valores e concepções distorcidos” (MAIA, 2006, p.34).

Educação sexual e deficiência intelectual

Uma vez que a sexualidade seja uma parte intimamente ligada à qualidade de vida, é necessário que a mesma seja trabalhada de uma forma adequada. Isso se faz através da educação sexual, a qual é o modo pelo qual as pessoas aprendem sobre os valores sexuais, sendo um processo amplo e variado que ocorre em todas as esferas sociais. A educação sexual apresenta-se de duas formas distintas, a forma intencional, planejada e organizada, visando informar sobre sexualidade, e a forma não intencional, que ocorre nas mensagens cotidianas, nos discursos familiares, religiosos, na mídia, etc. (MAIA, 2006, p.

91).

Ribeiro (2011, p.3) nos traz que a escola é vista como a principal responsável pela educação sexual planejada e organizada, porém a instituição educacional se depara com a ideia de que apenas a família deve ser responsável pela educação sexual dos mesmos. A família por sua vez, mesmo que desintencional acaba interferindo na educação sexual do indivíduo, independente se falam ou não sobre o assunto. O silenciamento do tema, implicitamente, mostra como a sexualidade é vivenciada dentro de casa.

Segundo Weeks (1993, p. 21), é fundamental que a educação sexual acompanhe o indivíduo desde os anos iniciais, sendo trabalhada inicialmente em casa, uma vez que a sexualidade envolve o modo como as pessoas se relacionam, o conhecimento do próprio corpo, dos seus cuidados e dos seus limites, entre outras questões fundamentais. A família por sua vez, compõe a primeira relação social que o indivíduo terá, sendo então uma peça chave para o desenvolvimento social.

Em um estudo feito por Barros *et al.* (2017, p. 3630), notou-se que as mães são os principais cuidadores de filhos com deficiência e acabam abandonando seus empregos e seus projetos profissionais para se dedicar em tempo integral ao filho, levando-os e acompanhando-os em consultas, se responsabilizando pelo tratamento das crianças. Os pais que acompanham o cuidado se restringem a tarefas secundárias como sustento da casa e apoio financeiro.

A educação como um todo deve se iniciar em casa e ter continuidade no âmbito escolar, isso também deve incluir o tema educação sexual. Para Souza (1991, p.39), cabe à educação sexual fazer com que cada pessoa aceite seu corpo e tenha uma sexualidade positiva, livre de preocupações e inseguranças. Essa afirmativa reforça o que foi dito anteriormente, destacando que a sexualidade vai muito além de aspectos físicos e biológicos, necessitando da educação sexual para o desenvolvimento psicológico saudável e a boa convivência social. Utilizando esse ponto de vista compreendemos que a educação sexual apresenta uma importância grandiosa para pessoas com deficiência intelectual, pois viabiliza o autoconhecimento físico e psicológico, a compreensão dos sentimentos e emoções, bem como os métodos contraceptivos, as infecções sexualmente transmissíveis, etc.

A partir do exposto fomos despertados pela curiosidade que culminou nesta pesquisa. Partiu-se de dois estudos principais: Pinnel (1993 apud CASTELÃO et al., 38) defende que os pais compõe a primeira peça social a interferir na sexualidade do indivíduo, e Maia (2006, p.34), a qual afirma que há uma carência de educação sexual na educação de pessoas com algum tipo de deficiência intelectual.

O presente estudo busca diagnosticar, a visão das mães (que frequentam a sala de convivência anexa a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ponta Grossa, Paraná) sobre a sexualidade humana, bem com suas expectativas futuras a respeito da sexualidade dos seus filhos.

2 | METODOLOGIA

O local de convivência onde o presente trabalho foi realizado é ocupado por aproximadamente 30 mulheres; trata-se de uma sala anexa à própria instituição, para as mães que necessitam ficar no local enquanto seus filhos estão em atividades da escola. Durante os seus encontros (matutino ou vespertino) as mães têm a oportunidade de dialogar e trocar experiências de vida, executar trabalhos manuais, participar de atividades socioeducativas e das promoções e eventos promovidos pela associação para a captação de recursos. (Definição presente no regimento institucional da APAE - Disponibilizado para avaliação do núcleo regional de educação).

A obtenção dos dados ocorreu no período matutino e vespertino do dia 28 de junho de 2019 com as mães presentes no local. Ambos os encontros foram acompanhados por uma psicóloga da instituição. Inicialmente, o projeto foi explicitado às mães juntamente com a leitura e aplicação do termo de consentimento livre e esclarecido. Em seguida, garantindo o anonimato e seguindo os procedimentos éticos da pesquisa na área das ciências sociais, as mães foram convidadas a participar da pesquisa. No segundo momento, em grupos, iniciou-se o levantamento dos dados, em três etapas:

1º etapa: Entregou-se para as mães uma folha com vários termos impressos, dentre os quais estavam os aspectos correspondentes à sexualidade humana encontrados na literatura. Foi então solicitado às mães que circulassem os termos que acreditavam fazer parte da definição da palavra SEXUALIDADE como consta no apêndice 1.0.

2º etapa: Histórias ilustradas que continham perguntas implícitas referentes à sexualidade humana, com um ou mais temas transversais como religião, homossexualidade, aborto, etc (como mostra o apêndice 2.0) foram apresentadas as mães, que opinaram sobre as questões relatadas.

3º etapa: Aplicou-se às mães um questionário (como consta no apêndice 3.0) relacionado à sexualidade dos filhos com algum grau de deficiência intelectual, referentes às suas perspectivas futuras e a sua visão sobre a sexualidade deles. Perguntou-se também sobre a importância da educação sexual para o indivíduo com deficiência intelectual.

Para atingir os objetivos propostos seguiram-se as indicações do livro “O discurso do sujeito coletivo (DSC): uma nova abordagem” de Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre de 2005. Este método de análise nos traz que são necessárias questões abertas para extrair a representatividade de uma coletividade (para efeitos desta pesquisa, o clube de mães anexo a Apae da cidade de Ponta Grossa, Paraná), deixando que cada indivíduo expresse livremente sua opinião. Com o uso do DSC, as opiniões dos sujeitos não se anulam ou se reduzem a uma categoria comum, mas sim se complementam, com pedaços de discursos individuais, de modo que forme uma representação social mais clara, viva e direta sobre o tema pesquisado.

A análise foi dividida em cinco etapas. 1- Cada questão foi analisada isoladamente

e copiada integralmente. 2- Identificaram-se em cada resposta, as ideias centrais, ancoragens e palavras-chave. 3- Reuniram-se as ideias e ancoragens a partir das palavras-chave, colocando-as em diferentes lacunas. 4- Todas as ideias centrais e ancoragens que possuíam o mesmo sentido ou que eram complementares foram identificadas e agrupadas. 5- Construção do DSC propriamente dito, com as ideias centrais sequenciadas obedecendo a uma esquematização clássica do tipo: mais geral para menos geral. Os resultados obtidos foram apresentados na forma de discursos na primeira pessoa do singular, mas que falam por uma coletividade. (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005)

Durante a execução da pesquisa, foram feitas observações não sistemáticas, ou seja, observações sem critérios científicos a respeito do comportamento do grupo quanto à dinâmica, buscando analisar e compreender como as mães reagiriam ao tema, quais dúvidas ou resistências surgiram e demais imprevistos e reações que pudessem acontecer.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço de convivência disponibilizado pela instituição é um ambiente descontraído e acolhedor ao qual as mães já estão acostumadas e mostravam-se à vontade para interagir. Ao todo 30 mães participaram desta pesquisa, empenhando-se em responder a todas as questões. Com relação ao comportamento do grupo, notou-se que as mães interagiam conversando entre si e compartilhando suas opiniões sobre o assunto, mas sem interferir nas respostas umas das outras.

Sexualidade humana

A análise das palavras-chave referentes à sexualidade, assinaladas pelas mães revelam que, para elas, *“A sexualidade é a forma como nos prevenimos de doenças sexualmente transmissíveis, envolve o sexo em si, a reprodução e também assuntos como homossexualidade, camisinha, prazer, desejos sexuais e a nossa aceitação”*. Esse discurso demonstra que, em suas concepções, a sexualidade engloba em sua maioria apenas assuntos referentes ao sexo, exceto aceitação. Isso nos faz refletir sobre a definição de sexualidade segundo a Organização Mundial da Saúde (BRASIL, 1990), a qual nos traz que a sexualidade é uma energia que motiva as pessoas a encontrarem amor, contato, ternura e intimidade, faz parte da forma como nos sentimos, nos movemos, tocamos e somos tocados, ultrapassando o enfoque biológico e reprodutivo, tratando-se de uma parte componente da personalidade e comportamento do indivíduo. Independentemente de se ter ou não relações sexuais e de quais condições ela apresenta, toda e qualquer pessoa jamais será assexuada, pois a sexualidade se faz presente desde o seu nascimento, de modo que possam se sentir bem por meio das sensações táteis, sensações de conforto diante do afeto e do acolhimento vindo de namoro/casamento, das relações fraternas ou das amizades. (MAIA, 2015, p. 90).

Temas transversais

A segunda etapa da análise de dados é referente à visão das mães quanto à sexualidade humana, a partir das respostas de cada participante confrontadas com as perguntas embutidas nas histórias e organizadas em diferentes discursos.

Influência da criação

Nota-se na fala das mães ainda existe uma influência da criação tradicional: *“Nos dias de hoje eu acho normal que o casal namore e mantenha relações antes do casamento (é moda, tudo mudou), desde que os dois sejam maiores de idade, ambos concordem e se conheçam bem, pois eles precisam se conhecer muito bem para se casarem. Se fosse antigamente eu não acharia certo, pois fui criada como se isso fosse errado. Acho que algumas tradições devem continuar sendo seguidas, como por exemplo, que o homem sugira um namoro, e não a mulher. Isso é papel dele”.*

As expressões “no meu tempo” e “hoje tudo mudou”, reforçam o que foi evidenciado por Maia e Ribeiro (2010, p. 161) que afirmam que os padrões da sexualidade humana são influenciados pelo contexto social no qual o indivíduo está inserido. Isso pode ocorrer devido à normatização da religião, da cultura, etc. Nesse sentido, as concepções e valores ensinados às mães quando as mesmas eram crianças / adolescentes, aparecem como regras que regem suas opiniões sobre a sexualidade humana. Embora as mães reconheçam que a sociedade está mudando e se tornando mais flexível quanto às questões que antigamente eram vistas como incorretas ou irregulares, como o sexo antes do casamento, algumas tradições, segundo elas, devem continuar sendo seguidas, como a ideia de que apenas o homem deve ser o responsável por propor um relacionamento e não a mulher.

Importância da família na educação sexual

Foram construídas também narrativas sobre o relacionamento antes da maioridade. As mães reconhecem que a proibição ou o silenciamento dos pais em relação à sexualidade dos filhos não os leva a lugar algum, como mostra o discurso coletivo: *“Os jovens devem se preocupar em trabalhar e estudar primeiro, depois pensar em namorar. Acredito que todas as mães se preocupem com o futuro dos filhos, por isso não gostaria que meu filho/minha filha se relacionasse com uma pessoa que não trabalha, por exemplo. Por outro lado, se eu não concordasse com o namoro do meu filho/ da minha filha, e descobrisse que ela está namorando escondido, voltaria atrás e tentaria orientá-la. É melhor orientar e aconselhar do que proibir e eles namorarem escondido.”* O trecho onde as mães afirmam que não gostariam que “o/a filho/ filha se relacionasse com uma pessoa que não trabalha aponta para o fato de que, além da questão da proibição, os filhos se deparam com outra etapa da relação pai, filho e relacionamento: As exigências e preocupações com a vida futura. As mães trazem a problemática da independência financeira, questionando como os jovens iriam sair e se iriam ficar à custa dos pais, corroborando com as considerações de Castelhão

et al. (2003, p. 36), onde notaram que, quando os pais falam sobre o relacionamento dos filhos, a independência financeira surge como uma condição essencial.

Planejamento familiar e aborto

Durante a análise dos dados, notou-se que as mães reforçam a importância do planejamento familiar e da preparação do casal para ter um filho, como é evidenciado pelo seguinte trecho: *“Filho é uma decisão que cabe apenas ao casal, tem que ser desejado e na hora certa, apenas o casal sabe das suas condições de vida e se teria paciência, estrutura familiar e financeira para criar um filho.”* Complementando, as mães relatam que: *“É importante que o casal se cuide e usem preservativos”* e *“Eu acredito que a religião não deveria interferir na prevenção de um filho, mas sim em outros problemas”*.

Essa afirmação corrobora com o que está previsto na Constituição Federal (BRASIL, 1988), na qual consta que o planejamento familiar, definido na Carta Magna, é garantido pelo livre arbítrio das pessoas envolvidas, excluindo qualquer influência social e/ ou religiosa. O Ministério da Saúde também reafirma a autonomia e a liberdade da escolha do planejamento familiar:

“Planejamento familiar é o direito que toda pessoa tem à informação, à assistência especializada e ao acesso aos recursos que permitam optar livre e conscientemente por ter ou não ter filhos. Toda mulher deve ter o direito de escolher de forma livre e por meio da informação, sem discriminação, coerção ou violência.” (BRASIL, 2006).

Informalmente as mães tratam sobre a importância da autonomia na vida do indivíduo. A palavra autonomia apresenta significados relacionados à autodeterminação, direito à liberdade, privacidade, escolha individual, livre vontade. Fundamentalmente, autonomia é a capacidade de o indivíduo pensar, decidir e agir, com independência e com liberdade (COSTA et al., 2006, p. 77).

Quando o planejamento familiar é interrompido por uma gravidez indesejada, a mulher vê o surgimento de dois meios de resolver a situação em que se encontra: prosseguir ou interromper a gravidez. Diante destas opções, a mulher começa a analisar os benefícios e malefícios de cada alternativa, baseando-se em seus valores e crenças, do desejo da gestação, dos ganhos ou perdas utilitários, entre outros (SERENO et al., 2001, p. 193). Em relação a isso, as mães se posicionam da seguinte forma: *“Quando acontece uma gravidez indesejada é um sinal de irresponsabilidade do casal, e eles devem levar a gestação adiante, pois pra tudo se dá um jeito. O aborto é considerado um crime no Brasil e só é uma opção em situações extremas, como abuso sexual. O filho não tem culpa do erro dos pais, a partir da fecundação já é uma vida, e vida só Deus pode tirar. Se o pai da criança não quiser assumir, a mãe deve erguer a cabeça e seguir em frente, lá na frente ela irá se orgulhar muito do filho dela, com certeza!”*. Observam-se neste posicionamento dois pontos importantes, a presença dos valores religiosos e a força da mulher diante do

abandono paterno. Em seu estudo, Sereno et al. (2001, p. 194) traz que, do ponto de vista psicológico, a interrupção da gravidez pode ser entendida como uma relação entre diversos fatores e, entre eles, a influência da religião como percebemos neste discurso, pois os valores e crenças impostos pela igreja, os quais prevaleceram durante décadas, ainda se mostram presentes.

Assédio

Em relação ao assédio, as mães o identificam como: *“O assédio começa a partir do momento em que, após um convite recusado, a pessoa continue insistindo e não entenda que não é não. Quando isso acontece, a pessoa deve denunciar o assediador.”* Em seu estudo, Hirigoyen nos traz uma definição de assédio muito semelhante ao que foi discursado pelas mães, onde ele afirma que o assédio se caracteriza por uma conduta abusiva que ocorre através de “palavras atos ou gestos que podem provocar danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, colocando em risco o emprego desta ou degradando o clima de trabalho” (HIRIGOYEN, 1998, p. 55). Isso nos mostra que as mães reconhecem o que é o assédio e quais são as medidas cabíveis, tendo capacidade de tomar as providências necessárias caso se depare com esse tipo de violência.

Homossexualidade

A questão da homossexualidade vem tomando notoriedade na literatura. Em relação aos desafios que o homossexual enfrenta, está o medo da rejeição familiar. Nascimento e Scorsolini-Comin (2018, p. 1531) evidenciam que a revelação da homossexualidade para a família pode ser um desafio, devido ao medo da rejeição familiar e social, bem como o medo de não corresponder às expectativas dos mesmos. Em relação a isso, as mães contrariam o temor da pessoa homossexual, e demonstram novamente que reconhecem que a sociedade está mudando e reformulando seus valores, tornando-se mais aberta e justa, como é mostrado a seguir: *“A pessoa que é homossexual sofre muito e deve assumir isso para as pessoas e ser feliz, pois isso não define caráter. Caso a pessoa tenha medo (pois hoje em dia o mundo ainda é muito preconceituoso), ela deve contar primeiramente para a sua mãe, pois o amor de uma mãe suporta tudo pelos filhos. Depois ele conta para a família, com certeza eles irão apoiá-lo. Hoje em dia as coisas mudaram muito.”* Esse discurso também reforça o fato da família ser a primeira fonte de acolhimento dos filhos, quando buscam um apoio na sociedade e um refugio em casa.

A sexualidade dos filhos com deficiência intelectual

Em relação à educação sexual dos filhos com algum grau de deficiência intelectual, as mães discorrem que: *“Eu gostaria muito de conversar sobre essas coisas (sexualidade) com ele (meu filho), mas sinto que não estou preparada, pois não sei como abordar esse assunto. Falta orientação pra gente saber lidar com essas coisas, principalmente por ter*

um filho especial sabe, é mais difícil.” Nota-se nesse discurso a dificuldade das mães para tratar do tema educação sexual com os filhos. Isso é justificado por Vivarta (2003 p. 92), quando afirma que a falta da orientação familiar pode ocorrer porque o assunto traz certa ansiedade e/ou insegurança aos pais quanto às abordagens adequadas de educação sexual, corroborando com Castelão (2003, p.38), a qual nos traz que apesar de serem os principais educadores sexuais dos filhos, muitas vezes os pais se deparam com uma dificuldade na abordagem dessa temática entre eles mesmos e mais ainda entre eles e os filhos.

Além da insegurança das mães, nota-se uma preocupação com a educação sexual dos filhos, ressaltando-se o fato dos mesmos possuírem uma deficiência, como mostra o seguinte trecho: *“Eu espero ter coragem e conseguir lidar com isso (sexualidade), por mais que meu filho seja especial, ele precisa de mim para se proteger então eu preciso orientá-lo sobre as coisas.”* Almeida e Centa (2009, p.71) afirmam que os pais se sentem culpados por não oferecer esse tipo de orientação, uma vez que necessitam proteger os filhos de algum tipo de violência sexual, e almejam proporcionar que eles se tornem mais independentes e tenham mais autonomia, desenvolvendo o controle de suas manifestações sexuais. Trindade & Bruns, (1999, apud GONÇALVES et al., p.256) reafirmam o que foi dito anteriormente, complementando que o silenciamento da sexualidade faz com que os indivíduos entendam que viver/explorar sua sexualidade é algo errado ou pecaminoso, e não algo natural do próprio corpo. Esse “silenciamento” expõe a pessoa a situações de riscos referentes à sexualidade, como uma gravidez indesejada, IST’S e até mesmo danos emocionais e psicológicos devidos à vivência de uma sexualidade frustrante. É importante entender que a educação sexual não significa a exploração apenas de conceitos e exemplos sobre sexo ou desejos sexuais. Para Moizés e Bueno (2010), quando se fala em sexualidade pressupõe-se falar de intimidade e de relações, haja vista que a mesma envolve afeto, intimidade, emoção, sentimento e bem-estar. Logo, para desenvolver uma educação sexual eficaz é importante considerar que ela não se restringe ao ato sexual, como também é defendido por Gonçalves et al. (2013, p.255), onde os autores nos trazem que a educação sexual envolve o corpo, a razão e a emoção do ser, devendo ir muito além do ato sexual, percorrendo campos como a saúde e o bem-estar, as relações sociais do indivíduo, a autoestima, o autoconhecimento, o prazer corporal.

Observa-se também que as mães veem a escola como um apoio à família, sentindo uma segurança nos educadores: *“Eu acho que a escola tem um papel muito importante na abordagem desse tema, eu quero muito discutir primeiro esse tema com ele em casa, mas como eu sei que na escola eles têm menos vergonha/ medo, talvez eles tenham um jeito melhor de falar sobre isso com eles, acho que eles conseguem explicar melhor. Em casa é mais difícil, às vezes a gente não sabe a maneira certa de falar sobre o assunto e eles têm vergonha de falar com os pais. A escola é uma extensão da família e um trabalho conjunto é bem melhor pra eles”.* Isso corrobora com o que é defendido por Bié et al. (2006, p.129),

onde as autoras afirmam que é necessário que os pais compreendam que o papel da escola na educação sexual dos filhos é importante, mas não é exclusividade da instituição tratar sobre o tema. Cabe salientar que é a família o primeiro grupo social no qual o indivíduo está inserido, sendo a primeira responsável pelo desenvolvimento social, físico e psicológico dos jovens. Isso é reafirmado por Almeida et al. (2005, p. 54), onde os autores trazem que é imprescindível que esse tema seja discutido na escola, mas que também cabe à família tratar desse assunto. Ainda segundo os autores, a escola deve proporcionar uma orientação aos pais caso os mesmos se sintam despreparados para lidarem com o tema. Esta abordagem deve ser realizada por uma pessoa empática (TELES, 1992, o. 51).

Outros profissionais também são citados pelas mães como um auxílio para tratar essa questão: *“Se meu filho/minha filha me perguntasse, por exemplo, sobre como se prevenir de doenças e/ou de uma gravidez indesejada, eu iria buscar um profissional ou alguma coisa assim pra me ajudar e tentaria achar a melhor forma possível pra falar com ele. Por ela/ele ser especial temos que orientar bastante”*.

Relacionamentos

Quando perguntadas sobre os relacionamentos dos filhos, as mães nos trazem que: *“Eu ainda acho muito cedo pra falar disso com ele, meu filho ainda está na fase de se apaixonar por cantor da TV. Estou esperando a hora certa para entrar nesses assuntos, não acho que ele esteja preparado”*. Frases como *“ainda acho muito cedo”* e *“não acho que ele esteja preparado”* nos levam a entender que as mães se esquivam da educação sexual dos filhos por acreditarem que os filhos são muito jovens para o assunto. Para muitas pessoas, a sexualidade é um assunto expressamente proibido para os mais novos, evitando que eles tenham acesso a qualquer discussão relacionada ao tema (GONÇALVES et al., 2013, p. 256).

Esse tema também é discutido em ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2001, p.1), de onde emerge que as crianças e adolescentes tem direito de se conhecer, conhecer o meio em que vivem, entender como as pessoas se relacionam e serem capazes de se relacionar com as demais, possuem o direito de manter uma comunicação clara com os outros, de conhecer seu corpo e seu funcionamento, bem como ter uma sexualidade saudável. A educação sexual garante que esses objetivos sejam alcançados, sendo os pais e educadores os responsáveis pela garantia de que esses direitos.

As mães discorreram também sobre as preocupações futuras com a vida amorosa dos filhos: *“Outra coisa que me preocupa muito são os relacionamentos, eu sei que mesmo sendo especial, talvez ele/ela possa ter um relacionamento e até mesmo construir uma família, mas se meu filho/ minha filha aparecesse com esse assunto aqui eu iria tomar um susto. Buscaria um jeito de conversar muito com ele/ela antes, perguntar onde eles se conheceram, se ele/ela respeita meu filho/ minha filha do jeitinho que ele é. Tentaria cuidar*

de tudo, convidaria a pessoa e a família dela para frequentar minha casa pra que eu pudesse conhecê-los melhor, mas ficariam sob a minha supervisão. Talvez ele fique dependente de mim para sempre, mas eu torço pra que ele consiga ter uma “vida normal”, que ele namore e seja feliz.” Nota-se que, mesmo em frente à possibilidade do filho depender dela por toda vida, as mães desejam que eles possam se relacionar e futuramente constituir uma família, gozando de todas as possibilidades que lhes possam ser oferecidas. Isso é confirmado por Moreira (2011, p. 51), que afirma que durante o relacionamento amoroso de uma pessoa com deficiência intelectual, é necessário que haja conversa e toda a instrução necessária para que uma gravidez indesejada seja evitada. Pinel (1993, apud CASTELÃO et al., 2003, p.35) acrescenta que, quando se fala sobre a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual, valores como a virgindade e o ato sexual após o matrimônio são mantidos, variando de como a família lida com esses princípios, novamente reafirmando a família como integrante da sexualidade do indivíduo.

No decorrer do discurso observa-se a presença de frases como: *“Se meu filho/minha filha aparece com esse assunto aqui eu tomaria um susto”* e *“ficaria sob a minha supervisão”* isso se assemelha com o que as mães responderam na etapa referente à sexualidade humana das pessoas ditas “normais”, onde elas afirmam que a educação sexual e a orientação promovida pela família é melhor e mais segura que a proibição de um relacionamento.

Durante o levantamento dos dados, houve apenas uma mãe que não expressou a mesma opinião coletiva do grupo, afirmando ser totalmente contra homossexuais e colocando que não cabe à escola tratar esse tema.

Notou-se durante o levantamento e análise dos dados que as mães se sentem despreparadas para tratar o tema sexualidade com os filhos, afirmando que não sabem muito bem como abordar o assunto. Isso nos mostra que as mães se sentem carentes de informações e solicitam atividades voltadas a sexualidade do filho com deficiência. Esse resultado reafirma o que já foi evidenciado por Maia (2001, p.43), que programas de educação sexual precisam ser incluídos à população de pessoas com deficiência intelectual, voltados tanto para os jovens quanto para suas mães/responsáveis, de modo que a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual possa ser saudável e segura.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as mães de jovens com deficiência intelectual, participantes deste estudo, possuem uma visão da sexualidade humana mais restrita apenas aos aspectos reprodutivos, em detrimento dos seus aspectos afetivos, sociais e psicológicos.

Embora as mesmas reconheçam que houve uma mudança na sociedade e nos valores, os quais por muito tempo foram considerados estáveis e permanentes, ainda observa-se uma influência da criação, atendo-se em ensinamentos que foram apresentados

a elas quando crianças.

Constatou-se que as mães sabem da importância da educação sexual adequada dos filhos, mas se sentem despreparadas para lidar com tal assunto e ressaltaram a importância do apoio referente a isso.

Evidenciou-se que as mães desejam que os filhos tenham uma vida dita “normal”, que possam namorar e serem felizes, independente da deficiência.

O diálogo e a conscientização a respeito desse tema devem ser trabalhados também com as mães desses jovens, de modo que elas tenham capacidade de oferecer para os filhos a vivência de uma sexualidade satisfatória e acompanhar os trabalhos que a escola venha a realizar dentro desse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem**. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 22, n. 1. 2009.

ALMEIDA, Djanira Soares O.; COSTA, Raphaela Leoni; SILVA , Tais Mateus. **Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes**. 2005.

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência: em companhia de Hércules**. São Paulo: Robe Editorial Autêntica, 1999.

BARROS, Alina Lúcia Oliveira et al. **Sobrecarga dos cuidadores de crianças e adolescentes com Síndrome de Down**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22. 2017.

BIÉ, Ana Paula Alexandre; DIÓGENES, Maria Albertina Rocha; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira. **Planejamento familiar: o que os adolescentes sabem sobre este assunto?** Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 19, n. 3. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural/Orientação Sexual. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei Sobre Planejamento Familiar – Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996**. Brasília, DF: Senado, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência** / Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. **ABC do SUS — Doutrinas e princípios**. Brasília: 1990.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília – DF: [S.n], 2006.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELÃO, Talita Borges; SCHIAVO, Márcio Ruiz; JURBERG, Pedro. **Sexualidade da pessoa com síndrome de Down**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 32-39, fevereiro de 2003.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. - 4. ed., rev. e atual. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.

COSTA, Ana Maria; GUILHEM, Dirce; PRATA, Lynn Dee. **Planejamento familiar: a autonomia das mulheres sob questão**. Rev. Bras. Saúde Mater. Infantil. , Recife, v. 6, n. 1, p. 75-84, março de 2006.

ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. **Promover a educação sexual nas escolas**. nº118, 2001 Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/623/623.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.

GLAT, Rosana; FREITAS, Cândida de. **Sexualidade e deficiência mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. HOLOS, [S.l.], v. 5, p. 251-263, out. 2013. ISSN 1807-1600.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Le harcèlement moral: la violence perverse au quotidien**. Paris : Syros, 1998.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005. 256 p. (Diálogos) ISBN 85-7061-329-6
Londrina: UEL, 2009.

LOURO, G. (org.) **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: 2007.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. 291p

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Inclusão social e deficiência: a educação sexual para pessoas com deficiência intelectual**. In: DAVID, CM., et al. Desafios contemporâneos da educação. São Paulo: Editora UNESP: 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.7, n.1, p.35-46, 2001.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências**. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 16, n. 2, p. 159-176, Aug. 2010

MOREIRA, LMA. **Questionamento sobre a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual.** In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 49-55. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Bahl. **Sexualidade no Contexto Contemporâneo um Desafio aos Educadores.** Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum. 2009

Pinel AC. **Educação sexual de deficientes.** In: CASTELÃO, Talita Borges; SCHIAVO, Márcio Ruiz; JURBERG, Pedro. Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 32-39. 2003.

SERENO, S.; LEAL, I. e MAROCO, J. Construção e validação de um questionário de valores e crenças sobre sexualidade, maternidade e aborto. Psic., Saúde & Doenças [online]. 2009, vol.10.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo (Pais e Professores).** 1991. 2 ed.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

VIVARTA, Veet. (Coord.) **Mídia e Deficiência.** Série Diversidade. Brasília: Andi – Agência Nacional dos Direitos da Infância/Fundação Banco do Brasil, 2003. v. 2.

WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade.** In: LOURO. G.L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Apêndice 1.0 – Temas referentes à sexualidade humana.

Prazer, reprodução, presente, sexo, autoestima, família, amizade, camisinha, anticoncepcional, anatomia, psicológico, surpresa, gênero, gravidez, viagem, fome, violência, amigos, praia, roupas, festas, animais, passeios, religião, desejos sexuais, aceitação, sapato, DSTs, bagunça, alimentação, valores, cozinhar, vento, compras, mídia, profissional, preconceito, panelas, homossexualidade, carro, gravidez, vergonha, biquíni, emprego, aborto.

Apêndice 2.0 - Tabela de histórias e perguntas implícitas em cada questão:

| Histórias | Perguntas implícitas no texto |
|---|---|
| João tem 21 anos e trabalha em um restaurante como garçom; Maria tem 18 anos e trabalha em um supermercado. Um belo dia os dois se conheceram e passado um tempo, Maria quis deixar o relacionamento deles mais sério. Ela sugeriu a João que eles começassem a namorar, e João aceitou. O tempo continuou passando e João e Maria decidiram que teriam relações sexuais. | 1. Maria é mais nova e propôs um relacionamento. O que você acha disso? 2. Como você vê a relação sexual antes do casamento? |

| | |
|--|--|
| <p>Lucas estuda em uma escola e namora Ana que estuda em outra. Os pais de Ana não aceitam que ela namore o Lucas, pois ele ainda não trabalha. Mas Lucas é um rapaz muito querido e estudioso, então eles decidiram namorar mesmo assim.</p> | <p>1. Os pais de Ana não concordam com o relacionamento dela, pois Lucas não trabalha. Como você vê isso?</p> |
| <p>Pedro e Marcela namoram há bastante tempo e já usam aliança. Vão à casa um do outro, saem juntos e se divertem. Marcela tinha o sonho de ter sua casa própria e Pedro queria muito viajar para os Estados Unidos. Nenhum dos dois queria ter um filho cedo e decidiram utilizar métodos contraceptivos como camisinha e anticoncepcional. Porém o pastor / padre da igreja disse que o método contraceptivo pode ser considerado pecado, pois de certa forma é abortivo.</p> | <p>Como você vê o planejamento de um filho?</p> <p>Você acha que a religião pode interferir no relacionamento? Poderia explicar por quê?</p> |
| <p>Paula tem 18 anos, é solteira e trabalha em um escritório como secretária. Seu chefe é o Augusto, que é divorciado e tem 35 anos. Paula gosta muito de ir às festas com suas amigas para se divertir e dançar. Um dia, Augusto estava sozinho e encontrou-a em uma festa. Desde então o chefe passou a pressionar Paula para que eles saíssem juntos. Após muitas negativas da secretária, Augusto se irritou e acabou mandando-a embora.</p> | <p>O que você entende por assédio? Quais atitudes você acha que devem ser tomadas?</p> |
| <p>Thais tem 17 anos, não trabalha, apenas estuda em uma escola de Ponta Grossa. Ela namora Fernando há três anos. Ele tem 16 anos e não estuda nem trabalha. O casal mantém relações sexuais com o uso da camisinha. Porém, um dia o preservativo falhou e, algum tempo depois, Thais descobriu que estava grávida de poucas semanas. Os dois ficaram desesperados com medo da reação da família e dos amigos, uma vez que eram muito novos. Fernando sugeriu à namorada que fizesse um aborto, uma vez que a gestação era muito recente.</p> | <p>O que você pensa quanto à gravidez acidental e indesejada?</p> <p>O que você acha em relação ao aborto? Pode ser feito? Se sim, em quais situações?</p> |
| <p>Luan é um rapaz muito querido por todos que convivem com ele. Ele trabalha como vendedor em uma loja e ajuda nas despesas de casa. Luan sempre gostou de meninos, mas tem muito medo de assumir que é homossexual devido aos julgamentos das pessoas, principalmente de como sua mãe irá reagir ao saber disso.</p> | <p>Homossexualidade e o medo do preconceito: Qual você considera ser o melhor caminho? Por quê? O que você pensa e como você lida em relação à homossexualidade?</p> |

Apêndice 3.0 - Perguntas referentes aos filhos com deficiência intelectual:

Se seu filho demonstrasse interesse em métodos contraceptivos como camisinha, anticoncepcional, etc... Você o orientaria? Se sim, que forma?

Se sua filha demonstrasse interesse se relacionar com alguém, como você reagiria? Quais são suas expectativas em relação ao futuro da sexualidade do seu filho? Você acha que o tema SEXUALIDADE deve ser trabalhado com seu filho na escola? Você trabalha ou gostaria de discutir esse tema com seu (a) filho (a) em casa?

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 61, 70, 74, 76, 80, 82, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127

Adolescentes 1, 14, 20, 32, 33, 40, 41, 44, 53, 80, 93, 103, 105, 113

Assistência à saúde 11

Automedicação 21, 23, 24

C

Clube de mães 64, 68

D

Deficiência intelectual 64, 65, 66, 67, 68, 72, 75, 77, 78, 79

Dependência 21, 23, 24, 25, 115, 120, 121, 122

Desenvolvimento Motor 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 91

Dismenorreia 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Drogas 3, 9, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 40, 95, 102, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122

DSTs 28, 66, 78, 93

E

Educação em Saúde 15, 19, 20, 27, 28, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 48, 96, 102

Educação Física 46, 50, 51, 80, 82, 88, 90, 91

Enfermagem 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 31, 33, 37, 38, 40, 41, 45, 47, 48, 52, 76, 94, 96, 97, 103, 105, 106, 108, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 127, 128

Equipe interdisciplinar de Saúde 43

Estimulação Elétrica Funcional 53, 54, 55, 56, 61, 62, 63

Estimulação Elétrica Neuromuscular 53, 54, 55

G

Gravidez na Adolescência 3, 114, 115, 117

H

Hábitos alimentares 33, 34, 37, 38, 40, 42, 43

I

Índice de massa corporal (IMC) 80

J

Jogo educativo 33, 34

Jovens 1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 37, 38, 39, 40, 49, 64, 70, 74, 75, 76, 82, 94, 95, 96, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 121, 124, 127, 129

M

Maturação Sexual 80, 82, 83, 85, 91

O

Obesidade 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 87, 107

Orientação nutricional 33

P

Paralisia Cerebral 53, 54, 55, 59, 62, 63

Políticas públicas de saúde 3, 94, 100

Promoção da Saúde 2, 3, 15, 20, 30, 39, 40, 41, 45, 76, 96, 129

Psicotrópicos 21, 22, 23, 24, 25, 26, 120

Q

Qualidade De Vida 3, 5, 8, 9, 16, 20, 40, 66, 106, 110, 111, 112

S

Saúde 2, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 62, 65, 66, 69, 71, 73, 76, 77, 78, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129

Sexualidade 14, 17, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 40, 51, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 104

Síndrome de abstinência neonatal 113, 115, 116, 118, 120

U

Universitários 21, 23, 24, 25

Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

